

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio

SURIEL CRISTINA MAIA PEREIRA

A CONCEPÇÃO DE ÉTICA NO ENSINO MÉDIO NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA

PARANAGUÁ

2015

SURIEL CRISTINA MAIA PEREIRA



A CONCEPÇÃO DE ÉTICA NO ENSINO MÉDIO NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA

Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Karen Franklin

PARANAGUÁ

2015

RESUMO

A ética não só serve de base para as relações humanas, mas também para permear relações sociais, observando que os filósofos consideram a ética base ou alicerce da justiça e do direito, para que os seres humanos possam viver em sociedade. Com o retorno do ensino da Filosofia no Brasil, inicialmente como tema transversal apontado nos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1999 e a partir de 2009 e com a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB a filosofia torna-se uma disciplina obrigatória no currículo do ensino médio em todo o país, desafiando os educadores a aplicá-la de maneira significativa no processo de ensino e aprendizagem. Portanto a introdução do ensino de filosofia busca provocar, nos alunos do ensino médio, inquietações que os façam refletir e fazer as mudanças necessárias para que construam sua própria autonomia e senso crítico. Aprender a ter atitudes filosóficas, ou seja, desenvolver a capacidade de indagar é um dos objetivos da disciplina de filosofia. Assim se faz necessário que ética e filosofia sejam premissas que venham contribuir para a aprendizagem no ensino médio. É importante que diante desta filosofia crítica e indagadora, possamos impedir a estagnação frente a diversas experiências, contribuindo para mudar as condições educativas em que estamos imersos. Dessa forma, a filosofia se realiza pela reflexão, diante do processo de reflexão, para que o indivíduo perceba-se um ser ético.

Palavra chave: Filosofia, Ética e Ensino Médio.

Abstract

Ethics not only serves as the basis for human relationships, but also to permeate social relations, noting that philosophers consider the ethical basis or foundation of justice and \ or the right, so that human beings can live in society. With the return of the teaching of philosophy in Brazil, initially as a crosscutting topic addressed in the National Curriculum Standards in 1999 and from 2009 and the amendment of the Law of Education Guidelines and Bases - LDB philosophy becomes a compulsory subject in the curriculum high school across the country, challenging educators to apply it in a meaningful way in the process of teaching and learning. Therefore the introduction of teaching philosophy seeks to provoke, in middle school students, concerns that make them reflect and make the necessary changes to build their own autonomy and critical sense. Learn to be philosophical attitudes, ie, developing the ability to question is one of philosophy discipline goals. So it is necessary that ethics and philosophy are assumptions that may contribute to learning in high school. It is important that on this critical and inquiring philosophy, can prevent the front stagnation diverse experiences, helping to change the educational conditions in which we are immersed. Thus, the philosophy is realized by reflection in front of the reflection process, so that the individual perceives is an ethical being.

Keyword: Philosophy, Ethics and High School.

SUMÁRIO

RESUMO

1.INTRODUÇÃO	06
2. SIGNIFICADO E CONCEPÇÃO DE ÉTICA	07
2.1. A ÉTICA GREGA, UMA REFLEXÃO	13
2.1.1. A Ética de Sócrates	15
2.1.2. A Ética de Platão e Aristóteles	16
3. ÉTICA E FILOSOFIA NOS TEMPOS ATUAIS	22
4. ÉTICA E FILOSOFIA: A PRÁTICA E A QUESTÃO FILOSÓFICA	27
5. ÉTICA NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	31
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42

1. INTRODUÇÃO

Dado que a ética constitui um dos assuntos mais importantes da filosofia, todos os grandes filósofos se debruçaram sobre as questões éticas, buscando a raiz do que é o bem e o que é o mal, numa sociedade adulta e responsável. (Sérgio Adas, 2012, p.74).

A ética está presente em nossa vida, pois é a partir dela que valorizamos os comportamentos humanos. É através da ética que pode – se questionar sobre atitudes, comportamentos, decisões, procurando na realidade o que está certo ou errado.

Dentro de uma concepção comum de ética, é significativo destacar que, mais que ensinar valores específicos, a ética trata de mostrar que o agir fundamentado propicia consequências melhores e mais racionais que o agir sem razão ou justificativas. É através da ética que se estuda o modo de ser e agir dos seres humanos, além dos seus comportamentos e caráter, procurando desvendar o que motiva cada indivíduo de agir de um determinado ou outro jeito, diferenciando ainda o significado do bom e o mau, e do mal e o bem.

A ética, dentro da filosofia analisa os valores que administram os relacionamentos interpessoais, como o ser humano se posiciona na vida, e de que maneira ele convive em conformidade com as demais pessoas em seu entorno.

A escolha do tema foi de cunho pessoal, porém não menos importante, pelo tema ser polêmico e muito debatido em nosso país, neste momento histórico, daí a motivação para elaborar este projeto. Através desta pesquisa, busca-se demonstrar a importância da ética na disciplina de filosofia e, em como é importante as pessoas conhecerem e habituarem-se umas com as outras, para vivermos num cenário de diversidades culturais e morais.

Embora a LDB 9.394/96 – no seu Art.35 aponte que o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. Todavia, é partir de 2009, com a alteração da Lei de Diretrizes e

Bases da Educação– LDB - nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que a filosofia tornou-se uma disciplina obrigatória no currículo do ensino médio em todo o país.

A ética enquanto conteúdo escolar para o Ensino Médio tem por foco a ideia da ação individual ou coletiva na perspectiva da disciplina de Filosofia.

Mais que ensinar valores específicos trata-se de mostrar que o agir fundamentado propicia consequências melhores e mais racionais que o agir sem razão ou justificativas.

No Ensino Médio, importante chamar a atenção dos estudantes, para os novos desafios da ética na vida contemporânea, pois estes devem perceber a dimensão de todo este conhecimento, buscando para si potencializar e desenvolver os antagonismos e trocas de informações que virão à tona, trazendo junto um comportamento próprio, onde os estudantes irão expressar suas ideias, dúvidas e anseios, despertando em si o senso crítico, a curiosidade, a criatividade, também a investigação científica, viabilizando um processo de investigação bibliográfica.

2. SIGNIFICADO E CONCEPÇÃO DE ÉTICA

Este capítulo tem por objetivo esclarecer a diferença existente entre ética e a moral, considerando a que tal problemática apresenta como ponto de partida o fato da moral não ser uma ciência e sim objeto da ciência (ética), que a estuda e a investiga – “*a moral não é ciência, mas é objeto da ciência; e, neste sentido é por ela estudada e investigada*”- (VÁZQUEZ, 2005. p. 25). Contudo, apesar de serem distintas, face ao fato da moral ser o objeto de estudo da ética, frequentemente, os conceitos de moral e ética, são usados como sinônimos pelo senso comum, tendo em vista a semelhança etimológica dos termos.

Marilena Chauí, em sua obra *Convite à filosofia*, de 2003, ensina que:

Para reconhecermos isso, basta, aliás, considerarmos a própria palavra moral: ela vem de uma palavra latina, *mos*, *moris*, que quer dizer “o costume”, e no plural *mores*, significa os hábitos de conduta e de comportamento instituídos por uma sociedade em condições históricas determinadas. Da mesma maneira, a palavra *ética* vem de duas palavras gregas *éthos*, que significa “o caráter de alguém” e *êthos* que significa “o conjunto de costumes instituídos por uma sociedade para formar, regular e controlar a conduta de seus membros. (Chauí, 2003, p. 307).

Marilena Chauí complementa o estudo a respeito da formação etimológica das palavras *ética* e *moral*, pois segundo ela, na língua grega existem duas vogais para pronunciar e grafar nossa vogal *e*; quais sejam: uma vogal breve, chamada *épsilon*, e uma vogal longa, chamada *eta*. Assim, *ethos*, escrita com a vogal longa, significa costume, como mencionado acima; porém, se escrita com a vogal breve, *ethos* significa *caráter, índole natural, temperamento*, conjunto de disposições físicas e psíquicas de uma pessoa. (Chauí, 2003, p.310).

Neste mesmo sentido, de acordo com Henrique de Lima Vaz, o termo *ethos* é uma transliteração de dois vocábulos gregos: *ethos* com *eta* (“e” longo) inicial e *ethos* com *épsilon* (“e” breve) inicial.

A primeira acepção designa a morada do homem (e do animal), a casa, o abrigo protetor, o lugar de estada habitual. Essa raiz levou ao significado de *ethos* como estilo de vida. A partir da morada o espaço do mundo se torna habitável para o homem, o reino da pura necessidade (a *physis*) é rompido pela abertura do espaço exclusivamente humano do *ethos*, dos hábitos, das normas, dos valores.

Isso *implica* o fato de que o espaço do *ethos* não é dado ao homem, mas por ele construído e incessantemente reconstruído. Nunca a casa do *ethos* pode ser deixada como está, e este inacabamento é sinal de uma presença ao mesmo tempo próxima e *distante*, que Platão designou como a presença exigente do Bem.

A segunda acepção (com *épsilon inicial*) designa o comportamento que resulta da constante repetição dos mesmos atos. É o que ocorre quase sempre, mas não sempre, nem por força de *uma* necessidade natural. Nesse caso *ethos* denota uma constância no agir que ao impulso do desejo, e constrói um hábito e uma virtude. (Vaz, Henrique de Lima, 1983, p.119).

Nesse segundo sentido, de acordo com os ensinamentos de Maria

de Lourdes Borges: *ethos* refere-se às características pessoais de cada um. Características estas, que determinam quais virtudes e vícios que cada indivíduo é capaz de praticar. (BORGES, Maria de Lourdes, 2003. p.86).

Ainda em sentido estrito, segundo Adolfo Sánchez Vásquez, *ethos* e *mos* indicam um tipo de comportamento que não é natural do ser humano, como se fosse um instinto, ou seja, o homem não nasce com esse referido comportamento, que por sua vez é “adquirido ou conquistado por hábito”, senão vejamos:

Na definição antes enunciada, ética e moral se relacionam, pois, como uma ciência específica e seu objeto. Ambas as palavras mantêm assim, uma relação que propriamente não tinham em suas origens etimológicas. Certamente, moral vem do latim **mos** ou **mores**, “costume” ou “costumes”, no sentido de conjunto de normas ou regras adquiridas por hábito. A moral se refere, assim, ao comportamento adquirido ou modo de ser conquistado pelo homem. Ética vem do grego **ethos**, que significa analogicamente “modo de ser” ou “caráter” enquanto forma de vida também adquirida ou conquistada pelo homem. Assim, portanto, originariamente, **ethos** e **mos**, “caráter” e “costume”, assentam-se num modo de comportamento que não corresponde a uma disposição natural, mas que é adquirido ou conquistado por hábito. É, precisamente esse caráter não natural da maneira de ser do homem, que na antiguidade, lhe confere sua dimensão moral. (VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. 2005. p.24)

Assim ainda na linha de pensamento do autor, a ética parte de uma determinada experiência histórico-social no terreno da moral, onde com uma série de práticas morais já em vigor, e fundamentando-se nelas, procura-se determinar a essência da moral, as fontes da avaliação desta moral, a natureza e a função dos juízos morais, bem como os critérios de justificação desses juízos e o princípio que rege a mudança e a sucessão dos diferentes sistemas morais. (VÁZQUEZ, 2005, p.22).

Sob o ponto de vista da ética propriamente dita, segundo Gustavo Korte:

A Ética não é em si mesma um código, nem um conjunto de regras e nem é só o estudo do comportamento ou de suas regras, normas e leis. É um campo de conhecimento em que, à medida que avançamos, são feitas descrições, constatações, hipóteses, indagações e comprovações. É possível encontrar leis, enunciados e respostas verossímeis e

verdadeiras. O objeto da Ética é o estudo dos fenômenos éticos. Isso implica ordenação de pressupostos, ordenação das ideias, linhas e formas de pensar, e, mais que tudo, sistematização da observação e dos conhecimentos, o que quer dizer métodos de trabalho. (KORTE, Gustavo, 1999. p.114)

Sendo assim, esses fenômenos éticos são importantes fontes de informações e é através do conhecimento desses referidos fenômenos que é possível estabelecer relações entre o sujeito e o contexto social em que o mesmo está inserido.

No entanto, esses fenômenos éticos terão diferentes abordagens de estudo, dependendo do enfoque que se adote, podendo tratar-se de ética científica ou ética filosófica. Esta, segundo Korte, estuda as normas, as leis e explica de que forma ocorrem ou devem ocorrer as relações, enquanto aquela explica como e em quais condições se manifestam os fenômenos éticos relacionados ao sujeito e o contexto social em que vive. (Korte, 1999, p.97)

Todavia, assevera que em se tratando de Ética deve-se ter em mente que em todos os estudos sobre esse assunto, um campo depende do outro e que a Ética científica recorre às informações disponíveis em todos os demais campos do conhecimento, sejam ou não relativos aos fenômenos éticos, utilizando-os como princípios, enunciados, hipóteses ou teses. (KORTE, 1999, p.99)

Vázquez é categórico quando afirma, sem qualquer sombra de dúvida que *“A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano”*. (Vázquez, 2005, p. 23)

A definição anterior enfatiza, em primeiro lugar, o caráter científico da ética como disciplina; pois, corresponde a necessidade de análise científica dos problemas morais. De acordo com a referida abordagem, *“a ética se ocupa de um objeto próprio: o setor da realidade humana que chamamos moral, constituído – como já dissemos – por um tipo peculiar de fatos ou atos humanos.”* (Vázquez, 2005, p. 23)

Ainda:

Como ciência, a ética parte de certos tipos de fatos visando descobrir-lhes os princípios gerais. Neste sentido, embora parta de dados empíricos, isto é, da existência de um comportamento moral efetivo, não pode permanecer no nível de uma simples descrição ou registros dos mesmos, mas os transcende com seus conceitos, hipóteses e teorias. Enquanto conhecimento científico, a ética deve aspirar a racionalidade e objetividade mais completas, e ao mesmo tempo, deve proporcionar conhecimentos sistemáticos, metódicos e, no limite possível, comprováveis. (Vázquez, 2005, p. 23)

Neste sentido, portanto, a ética é a ciência da moral, pois seu objeto de estudo é uma esfera do comportamento humano. Não se confundindo aqui a teoria com o objeto, haja vista que a teoria é ciência, o estudo da ética e o objeto de estudo da ética é o comportamento humano, qual seja, o mundo moral.

Por fim, Vázquez, na obra literária supra mencionada, conclui com maestria que: *“ética não é a moral e, portanto, não pode ser reduzida a um conjunto de normas e prescrições; sua missão é explicar a moral efetiva e, neste sentido, pode influir na própria moral.”* (Vázquez, 2005, p. 25)

Em conformidade com o entendimento de Maria Lúcia S. Barroco, a compreensão dos caminhos que tem por objetivo a liberdade transita pela análise de diferentes filósofos que, ao longo da história, se dedicaram a investigação da ética e dos dilemas humanos que fazem parte da reflexão filosófica. E segundo ela, não é estranho que assim seja, uma vez que a liberdade é uma categoria base de alicerce da práxis e da capacidade ética do ser social. (Barroco, 2010, p.114).

Neste momento, em que se busca indicar a gênese ou concepção da ética, a mesma se confunde com a história da filosofia e segundo Maria Lúcia S. Barroco, este é o lugar de nascimento e desenvolvimento da reflexão ética, que através de alguns dos pensadores que influenciaram na formação do pensamento ético da sociedade contemporânea. (Barroco, 2010, p. 114).

Desta forma, a pertinência das questões deste trabalho dá-se pelo fato da ética constituir um dos assuntos mais importantes da filosofia, em que *“todos os grandes filósofos se debruçaram sobre as questões éticas,*

buscando a raiz do que é o bem e o que é o mal, numa sociedade adulta e responsável". (Sérgio Adas, 2012, p.74); é de suma importância a pesquisa ora realizada para o ensino de filosofia, face ao fato da ética ser de acordo com o autor supramencionado, um dos assuntos mais importantes da filosofia. Desta forma, é indispensável o estudo da ética nesta disciplina, pois ela contribui para a formação do indivíduo reflexivo, no sentido de pensar de forma crítica, como sujeito ativo e autor de sua própria história no exercício pleno de sua cidadania.

Assim, historicamente falando, a reflexão ética surgiu num momento em que as indagações filosóficas mudaram de objeto, ou seja, os filósofos passaram a se concentrar no homem e não mais no cosmos. A referida mudança de objeto foi favorecida pelo nascimento da democracia, que se desenvolveu e teve seu ápice nas cidades gregas a partir do século V a.C, especialmente em Atenas e Esparta, que detinham a hegemonia política e cultural sob o governo de Péricles. Os primeiros filósofos a tratar das questões éticas nesse contexto foram Sócrates, Platão e Aristóteles, que buscaram criar uma forma de conhecimento com capacidade de superar o conhecimento empírico e de se diferenciar por fundamentação rigorosa. (Barroco, 2010, p. 116).

Sócrates foi o precursor que influenciou a formação do pensamento ético do ocidente. Assim, a filosofia de Sócrates consistia fundamentalmente em garantir o aperfeiçoamento do sujeito a partir do conhecimento de si próprio, por isso um dos princípios metodológicos de Sócrates era: **conhece-te a ti mesmo**. Ressalte-se neste ponto que a sentença "*conhece-te a ti mesmo*" de Sócrates, faz referência ao conhecimento do homem enquanto sujeito de conhecimento e não ao filósofo supramencionado.

Na obra *Paidéia: a formação do homem grego*, cujo significado se aproxima do que entendemos por educação, civilização e cultura, o autor Werner Jaeger (1989, p. 379), um dos grandes estudiosos da cultura e da filosofia grega, afirma que foi graças a Sócrates que a concepção de **autodomínio** se converteu na ideia ética central da nossa civilização. Nessa linha de pensamento, autodomínio significa, em sua origem, não

ser submetido à lei externa, pois, Sócrates entendia a ética como algo que vem do *interior* do indivíduo, não como uma simples obediência à lei como era concebida a justiça em seu contexto. (Jaeger, 1989, p. 379)

Por fim, no contexto da *polis*, em que não tinha sentido falar do indivíduo sem participação política, com exceção das mulheres e dos escravos, que na democracia ateniense, não eram considerados cidadãos, o “autodomínio” queria dizer *domínio moral sobre si próprio; independência de quaisquer norma que possa estar fora do indivíduo e/ou não ser aceitas por ele*”. (Jaeger, 1989, p. 379-381)

2.1 A ÉTICA GREGA, UMA REFLEXÃO

No século V a.C., no período clássico da filosofia grega, os filósofos ampliaram as áreas de reflexão, abrangendo as questões morais, porém na Antiguidade, o sujeito moral não podia ser compreendido na sua total individualidade como hoje. Os gregos eram antes de tudo cidadãos, ou seja, membros de uma comunidade onde a ética ligava-se intrinsecamente à política. (ARENDDT, Hannah, 1999, p. 35-36).

Era no campo da política que os gregos exerciam a liberdade, já que se tratava do espaço dos “iguais”. Enquanto isso, na vida familiar prevalecia a desigualdade, porque as mulheres e os escravos submetiam-se ao poder do chefe. Sua inferioridade devia-se ao destino que lhes cabia, de manter a subsistência da vida em atividades relacionadas com o corpo: o escravo pelo trabalho manual e a mulher pela procriação.

Assim diz a filósofa Hannah Arendt (1999):

O ser político o viver numa polis, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não através da força e da violência. Para os gregos, forçar alguém mediante violência, ordenar em vez de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da polis, característicos do lar e da vida em família, na qual o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despóticos. (Arendt, Hannah, p. 35-36, 1999)

Esta é uma visão hierarquizada, vinda desde os tempos homéricos em que aos “melhores” cabia decidir os destinos da cidade. Das muitas mudanças ocorridas na era clássica, enfatiza-se que os valores da aristocracia guerreira foram substituídos pelos da cidadania.

A especulação de muitos filósofos fez com que a ética grega surgisse para observar os costumes de sua época e a maneira como praticavam suas condutas, sem falar nas crenças religiosas que implicavam em seu caráter. Assim desenvolvendo uma atitude reflexiva acerca do racional para julgar as ações humanas.

A preocupação com os problemas do homem, e, sobretudo, com os problemas políticos e morais sucedeu ao naturalismo dos filósofos do primeiro período, chamados pré-socráticos. Assim, os problemas de ordem ética foram objeto de uma atenção especial na filosofia grega, no momento da democratização da vida política da Grécia antiga, mais precisamente de Atenas. (VÁZQUEZ, 2005, p. 268)

Segundo Jaeger, a conduta moral como algo que brota do interior do próprio indivíduo, aparece como uma ideia concebida e não como uma submissão ou algo exterior- a lei - tal como demandava o conceito tradicional de justiça. Contudo, considerando que a ética grega parte da vida coletiva e do conceito político de domínio, é pelo deslocamento da imagem de uma *polis* bem governada para a alma do Homem que este forma, no espírito ou no coração, o conceito de justiça. (Jaeger, 1989.p.379)

Nesse contexto a *ética* tem sua base estabelecida, organicamente vinculada à política e à participação dos cidadãos na *vida pública* e nos destinos da *pólis*; a fidelidade, à política e o amor, à sabedoria; criaram um modo de ser, com capacidade para vincular o indivíduo ao coletivo que o rodeia, sem subordiná-lo a ela, como ocorria nas comunidades primitivas. (Barroco, 2010, p. 77)

Na mesma linha de pensamento Jaeger ensina que a ideia de autodomínio, consistente no pensamento de Sócrates, *enquanto não submissão à norma*, não significa de a forma imperativa não admita a

norma, nem tampouco uma separação de qualquer influência social. (Jaeger, 1989, p. 379).

Segundo Marilena Chauí, quando ocorre a participação ativa no preparo das normas, não significa a representação de algo exterior ao indivíduo e; sendo este, o contexto do cidadão ateniense e da ideia de autonomia como indivíduo competente para “*dar a si mesmo as regras de conduta*”. (Chauí, 2005, p.308).

Assim, segundo Vázquez, as ideias de Sócrates, Platão e Aristóteles no campo da ética, estão relacionadas com a existência de uma comunidade limitada e local- a *polis*- ao passo que a filosofia dos estóicos e dos epicuristas surge quando esse tipo de organização social perdeu a validade e a relação entre o indivíduo e a comunidade se apresenta em outros termos, totalmente antagônicos à organização social da democracia ateniense. (VÁZQUEZ, 2005, p. 268)

2.2.1 A Ética de Sócrates

Segundo os ensinamentos de Vázquez, para Sócrates, o saber fundamental é o saber a respeito do homem (daí sua máxima: “conhece-te a ti mesmo”), que se caracteriza, por estes três elementos: “1) *é um conhecimento universalmente válido, contra o que sustentam os sofistas;* 2) *é, antes de tudo, conhecimento moral;* e 3) *é um conhecimento prático (conhecer para agir retamente)*”. (VÁZQUEZ, 2005, p. 269)

Portanto, a ética socrática é racionalista. Nela encontramos: a) uma concepção do bem (como felicidade da alma) e do bom (como o útil para a felicidade); b) a tese da virtude (**areté**)-capacidade radical e última do homem – como conhecimento, e do vício como ignorância (quem age mal é porque ignora o bem; por conseguinte, ninguém faz o mal voluntariamente) e, c) a tese, de origem sofista, segundo o qual a virtude pode ser transmitida ou ensinada. (VÁZQUEZ, 2005, p. 269 e 270)

Portanto, Vázquez resume que para Sócrates, bondade, conhecimento e felicidade entrelaçam-se entre si e a consequência dessas qualidades para o ser humano é que o homem que as possui age

de forma reta ou direita quando conhece o bem e, conhecendo o referido bem, não pode eximir-se de praticá-lo. Em contrapartida, buscando ao bem, o homem se sente dono de si mesmo e por essa razão é feliz. (VÁZQUEZ, 2005, p. 270).

Ademais, de acordo com Chauí, em sua obra literária “*Convite à Filosofia*”:

Ao indagar o que são a virtude e o bem, Sócrates realiza, na verdade, duas indagações. Por um lado, interroga a sociedade para saber, se o que ela está habituada a considerar virtuoso e bom corresponde efetivamente à virtude e ao bem e, por outro lado, interroga os indivíduos para saber se, ao agir, possuem efetivamente consciência do significado e da finalidade de suas ações, se seu caráter ou sua índole são virtuosos e bons realmente. (CHAUÍ, 2003, p. 311).

É de se considerar, portanto, que neste aspecto, a indagação ética socrática dirige-se à sociedade e ao indivíduo. Tais questões inauguram a ética ou a filosofia moral porque definem o campo no qual valores e obrigações morais podem ser estabelecidos; qual seja, a “**consciência do agente moral**”. Pois segundo Chauí é, “**sujeito ético ou moral**” somente aquele que sabe o que faz e conhece as causas e os fins de suas ações, bem como o significado de suas intenções e de suas atitudes e a essência dos valores morais. Sócrates afirma ainda que o estado de ignorância é uma condição viciada ou de incapacidade de virtude; haja vista, que para ele quem sabe o que é bem não poderá agir de forma virtuosa. (CHAUÍ, 2003, p.311).

2.2.2. A Ética de Platão e Aristóteles.

Platão inaugurou uma das matrizes que assinalam, de modo geral, o pensamento filosófico e a cultural do ocidente: o **idealismo filosófico**. (Maria Lúcia S. Barroco, 2010, pp. 125 e 126)

Maria Lúcia S. Barroco (2010, pp. 125 e 126) complementa ainda: “Com a sua **teoria das ideias**, Platão responde, de certa forma, à problemática posta no seu tempo por Parmênides e Heráclito, que

defendem que o mundo tem como fundamentos os princípios da permanência e da transformação”. Continuando:

Segundo Platão, existem dois mundos: o *mundo sensível*, onde tudo se transforma tudo é relativo e transitório, e o *mundo inteligível* ou das ideias, onde tudo é perfeito. Imutável, absoluto. No mundo das ideias existem formas perfeitas, modelos imateriais, que são as *ideias* ou os *fundamentos* de tudo o que existe no mundo sensível. No mundo sensível existem *cópias imperfeitas* dos modelos existentes no mundo das ideias através da inteligência e da *recordação*. (Barroco, 2010, pp.125 e 126).

Reavendo a ideia de Sócrates, de acordo com o que ensina Maria Lúcia S. Barroco (2010, pp.125 e 126) “*do parto das ideias*”, Platão, sustenta por meio da *dialética*, que o seu método de conhecimento pode recordar as verdadeiras ideias. Por conseguinte, o conhecimento é uma recordação, contudo, também um aprendizado para quem consegue sair da escuridão. Ou seja:

Platão explica essas ideias através da *Alegoria da Caverna*. O Filósofo é como alguém que saiu de uma caverna escura, onde todos vivem prisioneiros, acorrentados, sem conseguir ver a luz a não ser pela sombra projetada na parede. A luz representa a verdade; as sombras, o senso comum, a ignorância que é confundida com a verdade; não mais enganado pela percepção sensível, o filósofo tem o dever de comunicar aos outros a verdade do mundo inteligível. (Barroco, 2010, pp.125 e 126)

Segundo Vázquez (2005, p. 270), a ética de Platão, assim como sua política, depende de duas características, quais sejam:

a) da sua concepção metafísica (dualismo do mundo sensível e do mundo das ideias permanentes, eternas, perfeitas e imutáveis, que constituem a verdadeira realidade e tem como cume a Ideia do Bem, divindade, artífice ou demiurgo do mundo) e b) da sua doutrina da alma (princípio que anima ou move o homem e consta de três partes: razão, vontade ou ânimo, e apetite; a razão que contempla e quer racionalmente é a parte superior e o apetite, relacionado com as necessidades corporais, é a inferior. (Vázquez, 2005 p. 270)

Vásquez assevera ainda, que pela razão, como faculdade

superior e característica do homem, a alma se eleva através da contemplação ao mundo das ideias. Ou seja, o objetivo final do homem, é tornar-se puro, pois desta forma poderia libertar-se da matéria para contemplar o que ele realmente é, e acima de tudo a “Ideia do Bem”. (Vázquez, 2005, p. 270). Desta forma:

Para alcançar esta purificação, é preciso praticar várias virtudes, que correspondem a cada uma das partes da alma e consistem no seu funcionamento perfeito: a virtude da razão é a prudência, a da vontade ou ânimo, a fortaleza; e a do apetite, a temperança. Estas virtudes guiam ou refreiam uma parte da alma. A harmonia entre as diversas partes, constitui a quarta virtude, a justiça.” (Vázquez, 2005, p.270)

Para Maria Lúcia S. Barroco (2010, p.125 e 126): “O conhecimento do bem também, obedece a essa lógica inscrita em sua teoria das ideias, ou seja, a concepção de que no mundo inteligível estão as verdadeiras ideias do Bem e das Virtudes e no mundo sensível as suas cópias imperfeitas”.

Nesta mesma linha de pensamento, a virtude é uma excelência alcançada através do caráter, tanto assim o é, que a palavra grega que denomina caráter é a *aretê*, que significa “excelência”. É o poder interior do caráter que consiste na consciência do bem e na conduta definida pela vontade guiada pela razão, pois cabe a esta última o controle sobre os impulsos irracionais descontrolados, que existem em todo ser humano. (Chauí, 2005, p.312)

Ainda, como autor da obra “*A República*”, Platão constrói à semelhança da alma um Estado ideal e com o que ensina Vázquez:

A cada parte desta, corresponde uma classe especial que deve ser seguida pela respectiva virtude: à razão, a classe dos governantes – filósofos guiados pela prudência -; ao ânimo ou vontade, a classe dos guerreiros, defensores do Estado, guiados pela fortaleza, e ao apetite, os artesãos e os comerciantes, encarregados dos trabalhos materiais e utilitários, guiados pela temperança. Cada Classe social deve consagrar-se à sua tarefa especial e abster-se de realizar outras. De modo análogo ao que sucede na alma, compete à justiça social estabelecer na cidade a harmonia indispensável entre as várias classes. E, com o fim de garantir esta harmonia

social, Platão propõe a abolição da propriedade privada para as duas classes superiores (governantes e guerreiros). (Vázquez, 2005, p. 271).

Para alcançar esta purificação, é preciso praticar várias virtudes, que correspondem a cada uma das partes da alma e consistem no seu funcionamento perfeito: a virtude da razão é a prudência, a da vontade ou ânimo, a fortaleza; e a do apetite, a temperança. Estas virtudes guiam ou refreiam uma parte da alma. A harmonia entre as diversas partes, constitui a quarta virtude, a justiça. (Vázquez, 2005, p.270).

Ou seja, neste contexto, a Teoria das idéias ou do conhecimento de Platão é uníssona com as idéias da prática das virtudes como caminho para alcançar a purificação da alma, tendo como fim maior a obtenção da justiça. Pois, o indivíduo que põe em sua vida a prática dos referidos valores, estarão aptos a agir ou deixar de agir de acordo com o discernimento do certo e do errado, contribuindo para a promoção da temperança e do equilíbrio.

Da mesma forma que Platão, seu discípulo Aristóteles nos deixou contribuições importantes sobre a ética. Entre elas a concepção de que a ética, assim como a política, é um **saber pratico** por se tratar de um tipo de conhecimento que depende da ação humana propriamente dita, isto é, aquele saber existe como consequência dos nossos atos. (Barroco, 2010, pp.125 126). Portanto:

Como saber práctico, a ética está no lugar de onde perguntamos sobre as condições em que é possível a realização da liberdade; sob quais condições devemos agir para alcançar o bem supremo que, para o filósofo, era a **felicidade**. A *frónesis* ou a **prudência** torna-se assim, uma grande virtude ética, pois nos capacita para discernir entre uma ação ou outra, entre o melhor caminho a seguir. (Barroco p.125/126).

Por isso, como diz Heller, “Aristóteles pôde considerar a sabedoria ou *frónesis* (prudência) como a mais importante das virtudes é acima de tudo ter a sabedoria para extrair – de uma exigência ética genérica – *o que e como* fazer em cada situação prática” (Heller, 1998, p.138).

Aristóteles determina que a ética é uma decisão humana e consistente no que é possível decidir, ou seja, os homens resolvem o que se encontra no campo de suas possibilidades; o campo da **razão** e das coisas que cada homem pode fazer ou deixar de fazer, isto é, *deliberamos acerca das coisas que dependem de nós* (Aristóteles, 1979, p.83).

Assim, quando Aristóteles fala em campo do possível, está se referindo ao campo das ações humanas, onde decide acerca das alternativas e dos fins possíveis que o homem poderá percorrer e, é justamente nisso que consiste uma ação ética; pois ele é categórico ao afirmar que não deliberamos sobre o que ocorre na natureza, pois sua mudança ou permanência não dependem de nós. Senão vejamos:

Não deliberamos tampouco acerca dos fins, mas sobre aquilo que diz respeito aos fins. O médico não delibera se deverá curar, nem o orador se deverá persuadir, nem o político se deverá fazer boas leis, nem nenhum dos outros delibera acerca dos fins; mas posto o fim, estuda como e porque meios será atingido. (Aristóteles, 1979, p.85).

Segundo Vásquez, para Aristóteles, a ideia não existe separada do indivíduo material, concreto, pois, para ele a ideia existe apenas nos seres individualmente falando, senão vejamos:

O homem, portanto, é atividade, passagem da potência ao ato. Mas qual é o fim desta atividade? Para onde tende? Com esta pergunta já se entra no terreno moral. Há muitos fins, e uns servem para alcançar outros. Mas qual é o fim último para o qual tende o Homem? Deve ficar claro, que não se pergunta pelo fim de um homem específico – o sapateiro ou o tocador de flauta – mas pelo fim do homem enquanto tal, de todo homem. E Aristóteles responde: a felicidade (**eudaimonia**). Mas em que consiste o fim ou o bem absoluto, como plena realização daquilo que é humano no homem? Não é o prazer (**Hedoné**), nem tampouco a riqueza: é a vida teórica ou contemplação, como atividade humana guiada pelo que há de mais característico e elevado no homem: a razão. (Vásquez, 2005, p.272).

Todavia Vásquez (2005, pp. 272/273), adverte que a vida humana não se realiza acidental e esporadicamente, aquela se realiza por meio da aquisição de determinados modos imutáveis de agir,

conjunto de hábitos estes, que são as *virtudes*. Porém, estas não são atitudes que nascem com o homem; tais modos de ser se adquirem ou se conquistam pelo treinamento e, considerando que o homem é ao mesmo tempo, racional e irracional, é indispensável preciso distinguir duas classes de virtudes: intelectuais ou *dianoéticas*, que produz efeito no racional ou razão do homem e práticas ou *éticas*, que produz efeito no irracional ou paixões e apetites do mesmo, direcionando tais paixões e apetites de forma racional.

Assim, para Aristóteles, “*o homem é um ser político e social; um ser racional que pode controlar as suas paixões e a maior prova disso é sua capacidade ética: a excelência ou virtude (areté) do seu caráter (ethos) pode ser medida por ser capaz de controlar os impulsos, dando normas a si mesmo*”. (Aristóteles, 1979, p.87)

Em sua obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles discute a respeito das virtudes, afirmando que a esta consiste na disposição de se fazer a escolha racional, que é o **justo meio**. Como se produz essa capacidade? O filósofo chama a atenção para a importância do “*hábito na formação do caráter (ethos), afirmando que as ações tendem a ser imperfeitas quando são cometidas em excesso ou de forma escassa, o que não ocorre quando realizamos na justa proporção*”. (Aristóteles, 1979, p.86)

O grande filósofo Aristóteles afirma:

A virtude é, portanto, uma ordenação das intenções, que consiste na mediação em relação a nós mesmos, definidos pela razão, e estabelecida como faria o homem sábio. É uma mediação entre dois vícios: um por excesso, outro por escassez do que é devido, seja nas paixões, seja nas ações; a virtude encontra e escolhe o justo meio. (Aristóteles, 1979, p.34).

Nesse contexto, Chauí comenta que para Aristóteles a virtude está no *meio*, melhor ainda, *na moderação*. Aristóteles entendia que a virtude moral significava a capacidade de evitar o vício da falta e o do excesso, isso significa possuir o *autocontrole* das paixões e das ações. A *medida* certa evitaria a *desmedida* prejudicial à moralidade e à vida ética. Além disso, Aristóteles também entendia que no campo das ações ético-

morais, considerando tratar-se este, do campo do possível, podem-se fazer escolhas e dar decisão, tendo em vista que todo ser humano é dotado de *vontade* e de *razão*. (Chauí, 2005, p.310).

Essa capacidade ética do homem torna-se evidente, à medida que controla suas paixões e instintos, como exigência para as escolhas éticas e, portanto; o cerne da virtude consiste no termo médio entre dois extremos, excesso e defeito. Ou seja, a virtude é o equilíbrio entre dois extremos movediços e de forma isonômica, prejudiciais.

Assim como a de Platão, a ética aristotélica entrelaça-se à sua filosofia política, haja vista que para estes dois filósofos, a comunidade social e política, ou associação de pessoas com um mesmo objetivo, é o meio imperativo da moral. É só através desta moral que existe possibilidade de realização do ideal da vida teórica na qual se alicerça a felicidade.

Por fim, Aristóteles sistematiza a concepção ética de vontade racional, independente, cuja discussão não depende de fatores externos, entretanto está na vontade consciente do agente que entrega a si próprio as normas pelas quais o indivíduo age ou deixar de agir.

3. A ÉTICA E FILOSOFIA NOS TEMPOS ATUAIS

A concepção, já esboçada por Sócrates em outras palavras, é uma conquista dos gregos, na valorização da razão e da liberdade, no sentido do cidadão deliberar sobre as leis da vida pública sem aceitar a interferência de argumentos irracionais, que possuem a retórica como sua base. Nesse sentido, Barroco (2010, p.126) afirma que os ensinamentos de Aristóteles, passam pela história como referência humana genérica, mas que foram resgatados na idade moderna e contemporânea, principalmente nas concepções filosóficas de Kant e Hegel.

Assim, toda ação humana é o resultado de um desígnio entre certo e errado, e entre o bem e o mal. O ser humano em si procura se

basear em algo que é socialmente aceito por toda a comunidade, visando ter uma boa convivência com outras pessoas. Assim a ética não só serve de base para as relações humanas, mas também para permear relações sociais, para que os seres humanos possam viver harmonicamente em sociedade.

Consideremos o seguinte texto de Vázquez:

Os homens não só agem moralmente (isto é, enfrentam determinados problemas nas suas relações mútuas, tomam decisões e realizam certos atos para resolvê-los e, ao mesmo tempo, julgam ou avaliam de uma ou de outra maneira estas decisões e estes atos) mas também refletem sobre esse comportamento prático e o tomam como objeto da sua reflexão e do seu pensamento. Dá-se assim a passagem do plano da prática moral para o da teoria moral; ou, em outras palavras, da moral efetiva, vivida, para a moral reflexa. Quando se verifica esta passagem, que coincide com os inícios do pensamento filosófico, já estamos propriamente, na esfera dos problemas teórico-morais ou éticos. (VAZQUEZ, 1980, p. 7)

Através do conceito filosófico podemos compreender sobre a ética, que é uma área que investiga o comportamento humano em suas relações entre si, conceitos esses que são avaliados através de: valor, virtude, justiça, moral, entre outros, buscando uma maneira mais saudável de reflexão para o agir, a convivência, a vida em si.

Segundo COTRIM, (2004):

A ética é uma disciplina teórica sobre uma prática humana, que é o comportamento moral... A ética tem também preocupações práticas. Ela orienta-se pelo desejo de unir o saber ao fazer. Como filosofia prática, isto é, disciplina teórica com preocupações práticas, a ética busca aplicar o conhecimento sobre o ser para construir aquilo que deve ser (COTRIM, 2004, p.264).

Numa teoria filosófica, a ética é um estudo das ações individuais do ser humano, que tem como finalidade orientar as ações humanas, um conjunto de argumentos que visa justificar as ações desenvolvidas de cada um.

Ainda assim as questões éticas variam no tempo e no espaço, pois, depende do indivíduo e a característica que envolve a posição dos mesmos, como valor e virtudes que há no meio cultural.

No mundo globalizado tem-se percebido que a ética está numa crise de valores, pois há uma inquietação por parte das pessoas no sentido de conflitos mediante esta relação de condutas humanas.

A conduta ética do indivíduo é interligada a sua cultura e alguns fatores que o rodeiam, assim entende-se que a ética e a filosofia são interligadas ao conhecimento e comportamento. Nesse sentido, é pertinente compreender que é na política que o homem se mostra um ser social ou comunitário, procurando estabelecer os princípios de sua ação racional.

Coerentemente com o que foi definido na Crítica da Razão Pura, ele assinala que os princípios morais são *a priori*, vale dizer, não dependem da experiência para serem prescritos. Assim, o dever consiste na obediência a uma lei que se impõe universalmente a todos os seres racionais. Este é o sentido do imperativo categórico: “Age de tal maneira que sua ação possa ser considerada como norma universal”. Toda ação exige uma antecipação de um fim, o ser humano deve agir como se esse fim fosse realizável. (Kant, 1788, p. 90).

Por sua vez, a filosofia, enquanto forma de consciência, expressa o conhecimento genérico atualmente alcançado pela humanidade. Tendo em vista que a filosofia permite a apropriação pelo homem do desenvolvimento humano, através de uma exigência genérica, por intermédio da “**autoconsciência**”. Ato este que tira o ser humano de sua zona de conforto, saindo de sua singularidade, pois ocorre de modo consciente. (Barroco, 2010, p. 82).

Maria Lúcia S. Barroco complementa:

Assim como a arte, a filosofia propicia, por seu caráter universalizante, a suspensão da singularidade e, com ela, a possibilidade de uma **reflexão** sobre questões que – mesmo tendo sido colocadas em tempos remotos – fazem indagar sobre o presente, pois falam do homem, de seus vícios e virtudes, de suas inquietações mais essenciais, e por isso permanecem atuais. Nesse sentido a arte e a filosofia motivam, instigam, exigem, não apenas reflexões; dependendo de sua intensidade, podem interferir na **condução da vida** dos indivíduos, em termos éticos, morais e políticos. (Barroco, 2010, p.82).

A filosofia tendo como uma de suas características a universalidade necessita dos conhecimentos científicos voltados para dimensões particulares da realidade, da mesma forma que a ciência mantém dependência a uma base filosófica para não perder de vista a perspectiva da totalidade. (Barroco, 2010. p. 82).

Neste sentido, a ética se desenvolve como um ramo da filosofia e dependendo da perspectiva de cada pensador, adquire diversas configurações, porém conservam determinadas características que fazem parte do conhecimento filosófico por natureza, como, por exemplo, o caráter universal e sua preocupação com os fenômenos da vida humana, como bem mostra Lukács:

(...) Para a filosofia, a essência e o gênero humano, o seu de-onde e para-onde, constituem o problema central permanente, mesmo se continuamente, mudando de acordo com a época histórica. Indo para além da necessária divisão do trabalho das ciências, a universalidade filosófica autêntica não é uma simples síntese enciclopédica ou pedagógica de resultados comprovados, mas uma sistematização, como meio mais adequado para entender do modo mais adequado possível este de-onde e para-onde do gênero humano. (Lukács, 1990, LXXXVII).

Neste sentido, Lukács demonstra que essas características de “saber crítico” e “radical”, colocam a filosofia no posto de berço de nascimento da ética como “**conhecimento ético**” ou “**filosofia moral**”, haja vista, que neste contexto ocorre a sistematização das formas de “**existência ético-moral do ser social**”. (Lukács, 1990, p. LXXXVII).

De acordo com o que propõe Barroco (2005. p. 83), quando a ética se realiza como saber histórico, tendo um conhecimento radical e totalizante por finalidade, pode voltar-se para a crítica da moral cotidiana, para a erradicação da alienação moral, os fundamentos e os significados dos valores e apreensão das possibilidades reais, das exigências éticas “humano-genéricas”, como objetivos concretos. (Barroco, 2005. p. 83).

Segundo COTRIM, (2004):

A ética é uma disciplina teórica sobre uma prática humana,

que é o comportamento moral... A ética tem também preocupações práticas. Ela orienta-se pelo desejo de unir o saber ao fazer. Como filosofia prática, isto é, disciplina teórica com preocupações práticas, a ética busca aplicar o conhecimento sobre o ser para construir aquilo que deve ser (COTRIM, 2004, p.264).

Jorge Thums, neste sentido, assevera que a postura do indivíduo frente ao meio social encaminha o mesmo para o mundo da **reflexão**. Pois a reflexão desenvolve a capacidade de pensar, a inteligência, e posiciona o indivíduo de forma adequada perante a vida e as coisas. A reflexão é a verdadeira ação humana consciente que alicerça o comportamento humano. Um mundo desprovido de reflexão é um mundo carente de humanidade e de crítica, e, portanto, segundo ele, refletir significa pensar duas vezes. (Thums, 2003, p. 50).

Neste sentido Mosquera adverte:

A reflexão não é apenas um ensimesmar-se inicial, ela representa ação pessoal internalizada em união com a ação social efetivada; em outras palavras, o ato de pensar deve vir acompanhado do ato de fazer e este fazer tem consequências cujos limites se espelham nos fazeres dos outros seres humanos” (MOSQUERA,1988. p. 2)

Assim, como conhecimento crítico, a ética pode contribuir pelo zelo e dedicação, não deixando dormir a moral dominante, de suas contradições, das normas abstratas, da coisificação das motivações éticas, bem como apontando estratégias de enfrentamento ético-político das condições adversas do presente, norteadas por uma projeção do amanhã. (Barroco, 2005. p. 84).

Ou seja, a prática de fato de entendimento da ética na disciplina de filosofia no ensino médio, desencadearia em realmente ensinar e aprender conceitos avaliados por intermédio da justiça, da moral, da virtude, etc. Tal objetivo poderá ser alcançado através do aprendizado e compreensão das questões éticas.

Portanto, desta forma o indivíduo será capaz de conviver de forma saudável no meio social, o qual está inserido, pois a prática da ética, leva

à de reflexão para o agir, com discernimento e prudência, contribuindo para uma convivência social harmônica, consigo mesmo e com as pessoas em sua volta.

4. ÉTICA E FILOSOFIA: A PRÁTICA E A QUESTÃO FILOSÓFICA

Segundo Kant filosofar só acontece pelo uso contínuo razão, só ela permite um diálogo crítico com a filosofia. Ou seja, nós possuímos um instrumento filosófico, que nos permite perceber e diferenciar, presente, passado e futuro na filosofia. É um conjunto de ações de que nos levam a conceber a filosofia com o ato de filosofar. Kant, na *Crítica da Razão Pura*:

Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir seus princípios juízos universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os (KANT, 1983, p. 407-408).

Entrelaçando-se o ato de filosofar e a Filosofia, concluímos que não é possível fazer o primeiro prescindindo do segundo. Ela vive e reina abrindo janelas, de modo que a própria prática da filosofia leva consigo o seu produto e não é possível fazer filosofia sem filosofar, nem filosofar sem fazer filosofia (...) porque a filosofia não é um sistema acabado nem o filosofar apenas a investigação dos princípios universais propostos pelos filósofos (GALLO; KOHAN, 2000, p. 184).

A filosofia é um dos únicos, senão o único conhecimento questionado. (CHAUÍ, Marilena, p. 17, 1994), é muito raro alguém perguntar: para que a Medicina? Para que a Pedagogia? A Física é realmente importante? No entanto, a indagação “para que Filosofia?” é muito comum. Como vivemos numa cultura que somente valoriza o que tem alguma finalidade prática e de utilidade imediata, o conhecimento filosófico parece supérfluo e é colocado sob suspeita.

Contudo, quando não nos contentamos apenas com que é imediatamente útil e desejamos formar uma visão abrangente daquilo que parece de modo fragmentado em nossa experiência cotidiana, então, necessitamos da ética e da filosofia.

Retomando a reflexão de Marilena Chauí, é possível elencar uma série de argumentos que evidenciam a ética como reflexão crítica, podendo a mesma, por sua vez, ser incluída na razão de ser da filosofia.

(...) Conhecimento do conhecimento da ação humana, conhecimento da transformação temporal dos princípios do saber e do agir, conhecimento das mudanças das formas do real ou dos seres; a Filosofia sabe que está na História e que tem uma história. (CHAUÍ, Marilena, 1994p. 17).

Ou seja, nessa reflexão de Chauí, ela deixa bem claro que estudar as peculiaridades “da ação humana” em todas as suas nuances, sob todos os aspectos relativos “das mudanças da forma do real ou dos seres” é parte da história da filosofia. Assim sendo, considerando que o objeto de estudo da ética é justamente o comportamento humano, em todos os seus aspectos, principalmente no campo da moral, é de suma importância a prática da ética como conhecimento filosófico indispensável à formação ético-moral do indivíduo, daí a importância da ética na disciplina de filosofia no ensino médio.

É por tudo isso que a filosofia somente se realiza pela reflexão. Diante do processo de reflexão, o homem percebe-se como um ser de transcendência é mesmo possível? Estamos convencidos que sim.

O homem está sempre diante da necessidade do possível, ou seja, cotidianamente precisamos fazer escolhas. No ato de escolher, está implícita a existência da liberdade.

É por esta razão que se justifica, mais uma vez, a importância da ética como conhecimento filosófico em nosso cotidiano como educadores: ela impede a estagnação e dá sentido à experiência.

Para explicitar a importância desses conceitos dentro do processo do filosofar valemo-nos do comentário realizado por Maria Lúcia de Arruda Aranha (2002):

A Filosofia é rigorosa porque, enquanto a filosofia de vida não

leva suas conclusões até as últimas consequências, o filósofo especialista dispõe de um método claramente explicitado, que permite proceder com rigor garantindo a coerência e o exercício da crítica. Para justificar suas afirmações com argumentos, faz uso de uma linguagem rigorosa, que permite definir claramente os conceitos, evitando a ambiguidade típicas das expressões cotidianas. Para conseguir essa linguagem o filósofo inventa conceitos, cria expressões novas ou altera e especifica o sentido de palavras usuais.

A filosofia é uma disciplina que é muito questionada em seu conhecimento. Contudo, quando não nos contentamos apenas com o que é imediatamente útil, desejamos formar uma visão abrangente daquilo que aparece de modo fragmentado em nossa experiência cotidiana, então necessitamos da Filosofia e da Ética.

Thums faz uma análise sobre o ser humano e o ato de filosofar, afirmando, que o ato de filosofar nos remete ao de pensar, partindo das seguintes interrogações:

Como substituir o prazer de gastar, o prazer de ler, o prazer do novo, da novidade, o prazer de ter prazer por qualquer prazer? Somos uma sociedade que valoriza o sensual, a sensualidade, o corpóreo, o absolutamente prazeroso em detrimento de qualquer outra opção. Como mesclar esse tipo de comportamento por uma condição que dê valor ao prazer, porém com mais significados e sentidos? A vida deve ser vivida com absoluta intensidade de sentidos e significados! Entretanto, é cada vez mais evidente que temos um vazio na busca de significados e sentidos do que fazemos e vivemos. Ignoramos a condição de alteridade da vivência dos valores da vida, descrita por Dussel (2000). (Ética na Educação-filosofia e valores na escola, 2003, p. 44).

Assim, o principal sentido da filosofia está na elaboração, através do tempo, do tecido filosófico (que para Thums é o verdadeiro discurso) que envolve toda a identidade.

E mais, segundo Gardner o processo de educação para jovens envolve três dimensões fundamentais: a preocupação com o domínio da verdade (e seu avesso: a mentira, o falso), com o domínio do belo (e sua ausência: a feiura) e com o domínio da moralidade (bom, mau) (Gardner, 1999, p.114-15). Ou seja, domínio do verdadeiro, do belo e do bom é a essência de uma educação que deveria ser para todos os seres humanos. Talvez, assim, a humanidade entre os fosse bem maior, com menos evidencia de comportamento contrários à convivência harmônica

do indivíduo consigo mesmo e as outras pessoas que o rodeiam.

A mudança do contexto em que vivemos é extremamente acentuada, razão por que nem sempre entendemos e dominamos o sentido das nossas ações, os instrumentais de trabalho e de entendimento (Vygotsky,1988). Por isso, necessitamos de uma relação voltada para o real, para a condição humana no presente, no passado e com olhos direcionados para o futuro. Uma educação voltada para o entendimento, a compreensão e a valorização do belo, do bom e do verdadeiro.

O papel social da família, dos educadores (com sua formação ética e moral, com suas atitudes diante da vida e do mundo, a comunidade), dos MCM - Meios de Comunicação em massa e das próprias instituições devem envolver os princípios da verdade, da bondade e da beleza.

Gadner (1999, p.46-67) apresenta seis forças que irão recriar os processos de educação e formação nas escolas no próximo século. Quais sejam: os avanços tecnológicos e científicos; as novas tendências políticas; as forças econômicas; as tendências sociais, culturais e pessoais; a cambiante cartografia do conhecimento; para além da pós-modernidade – um **porre** pós-moderno.

Neste sentido a análise acima segundo Thums, nos remete a uma educação na qual o professor, como sempre, em toda a história das culturas, será o grande responsável pela educação das gerações mais novas, em que algumas evidências nos conduzem a múltiplos processos de reflexão e antevisão, especialmente no que concerne “*a propagação do verdadeiro conhecimento, do que se aprendeu do que se pensa e do que se vive, para formar uma comunidade humana de entendimento.*” (Thums, 2003, p.335).

Ou seja, a ética na educação necessita ser resgatada em todos os sentidos porque é efetivamente o meio de reflexão sobre o qual consideramos as normas e comportamentos válidos em nossa cultura,

além de suscitar comparações com outras éticas de outras atividades. Na verdade, é um campo de discussão e de entendimento sobre como viver melhor em sociedade. O criticismo personalista, individualizado, denota a incapacidade de conviver com as divergências de um mundo desigual e , em muitos aspectos, desumano. (Thums, 2003, p. 335).

Ética e educação envolvem necessariamente o respeito pela condição humana, existencial, do outro, apesar das diferenças. Uma comunidade humana é aquela em que o respeito, a admiração e o compromisso com o outro são a essência do viver.

Thums (2003, p.44), nos ensina ainda que o discurso filosófico e a necessidade da filosofia como disciplina indispensável para dar respostas às perguntas da vida se colocam como inevitáveis.

No entanto, isso não ocorre como um discurso qualquer, todavia, mas como um discurso direcionado para a ação e construção de sentidos da vida. O sentido de filosofar se apresenta como uma necessidade em meio a mediocridade de uma vida com poucas opções de reflexão, de meditação, de admiração.

Portanto, o processo educativo como um todo, envolve emoções, sentimentos, motivações, práticas, valores sociais e morais. Sem esses princípios, é provável que iremos criar e desenvolver pessoas com poucas noções de humanidades, de solidariedade. Ou seja, esta é a problemática que imprime sentido à necessidade de filosofar proposto por Thums, é o que torna a filosofia e a ética tão imprescindíveis ao processo de formação moral do indivíduo para usufruir de é sem sombra de dúvidas o que dá sentido à ética dentro da disciplina de filosofia no ensino médio.

5. ÉTICA NA DISCIPLINA DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

Sobre o ato de filosofar, Jorge Thums (2003, p. 47) ensina que o conhecimento humano é a preocupação fundamental da filosofia da educação. Identificar os aspectos do conhecimento que influenciam os modos de pensar, de conceber e de estabelecer os parâmetros das

ações e das consequências humanas resume a função do processo de pensar a educação. O autor adverte que:

Hoje, **conhecer** tem um significado claro de **sobreviver**. O que diferencia as pessoas na coletividade, nas ações de grupo, nas ações de trabalho, é o tipo de conhecimento que elas detêm. É evidente que existem outros elementos inter e intrapessoais que ajudam a nos diferenciar dos outros, mas o conhecimento é um elemento que sobressai. (Thums 2003, 47).

Jorge Thums continua sua explanação ensinando que com a popularização do computador, principalmente pelo fato deste fazer parte do convívio doméstico, o conhecimento tem uma velocidade nunca antes alcançada, por ocasião da facilidade de acesso. Tornou-se necessário, conhecer mais e melhor. Contudo, é a capacidade crítica de do ser humano de avaliar o referido conhecimento que diferencia um do outro. Consumir informações, não é o bastante, é imprescindível processar conhecimentos. O domínio da crítica e do próprio volume de conhecimentos que o sujeito buscou e busca adquirir, é o elemento responsável pelo processamento. (Thums 2003, p. 47).

Assim Thums equipara esse processo de valoração crítica no processamento da avalanche de informações que o ser humano é submetido, por todos os meios de tecnologias e meios de comunicação ao processo que ocorre com o alimento no sistema digestório dos ruminantes. Ou seja, o indivíduo deveria realizar um processo semelhante ao dos ruminantes, com o mundo das informações que introduz em seu cérebro. (Thums, 2003, p. 47).

Neste sentido, Thums sugere que esse processo de ruminar o mundo de informações pelo indivíduo deva denominar-se de crítica. Processo este, que vai diferenciar-nos das outras pessoas que consomem tantas informações sem processá-las. (Thums, 2003, p. 47).

Considerando por fim, que de acordo com esse entendimento de Thums não ruminamos o suficiente a avalanche de informações em que estamos submersos e, ao não ruminarmos, não assimilamos as propriedades dos alimentos que inadvertidamente consumimos. É por

esta razão que o estudo mais acurado dos valores da ética dentro da disciplina de filosofia no ensino médio é de extrema importância para ensinarmos os nossos jovens do ensino médio a aprenderem a ruminar todos os saberes, os quais estão submetidos, com o fim de assimilarem todas as propriedades nutricionais do processo crítico propriamente dito.

Ademais, a referida avalanche de informações, da qual o ser humano está submerso, é um passaporte para o mundo da ignorância, como forma de não conhecer, o que é assustador e cresce de forma diretamente proporcional ao acesso ao mundo dos saberes que se multiplica de forma impressionante. Em virtude disso, prolifera-se por todos os lados, uma enorme quantidade de pessoas que diariamente se nutrem de saberes e de pseudo-saberes. Tais pessoas acreditam na informação como fonte de alimento do conhecimento. Contudo, vivem de forma traumática em um mundo desconhecido, marcado pelas ilusões e sonhos.

É nesse contexto de avalanches de informações, que estão inseridos os nossos alunos do ensino médio desde a infância. Assim, torna-se necessário, trazer para a sala de aula reflexões a respeito da credibilidade de todas essas informações que temos acesso, através do campo filosófico que Thums denomina como o campo da “verdade”.

Ou seja, segundo os ensinamentos de Thums sobre a verdade, nesse contexto de crescente ignorância do indivíduo face a submersão de tantas informações, o qual estão inseridos os nossos jovens do ensino médio, estes acabam por também absorverem um conceito disfarçado da verdade, pois para Thums “*é impressionante como a verdade nua e crua é dolorosa*”.

Diante disso, é de se considerar que nos tempos atuais é cada vez mais indispensável trabalhar os valores de ética – como verdade, justiça, moral, virtudes, etc, dentro da disciplina de filosofia no ensino médio, para que possamos trabalhar com mais afinco as questões da verdade real dos nossos alunos, resgatando-os da escuridão da ignorância como diria Platão, para reverter esse processo de empobrecimento moral e intelectual que tem assolado o nosso país. Pois,

queremos contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, que não necessitam fazer uso de verdades disfarçadas, para sobreviverem na vida em sociedade.

Thums afirma que o caminho da filosofia e do agir humano, nos norteiam à construção do humano como elemento e como resultado da reflexão e prossegue:

O ser humano reflete pouco, do ponto de vista filosófico. As reflexões existem em todos os campos do saber humano. Na verdade, a limitação entre a qualidade das reflexões e o aprisionamento dos mundos reflete o resultado das ações humanas desqualificadas. É evidente que cada ser humano tenta resolver os seus problemas à sua forma, dentro de seu mundo, sem se dar conta de que somos um coletivo, um ser social. Resolver os problemas individuais não significa posicionar-se ante a sociedade, ante o coletivo. Que juízo valorativo desenvolvemos em nossas reflexões? (Thums, 2003, p. 50).

Para responder a essa pergunta, Thums conclui que é necessário descobrir a sabedoria da vida; pois, apesar desta carecer de elementos de cientificidade, não carece de prudência, bem como possui um elevado grau de conhecimento, mesmo que empírico, que é confirmado pela experiência do viver a vida.

Por conseguinte, segundo ele, a sabedoria da vida nasce no decurso de uma existência com sentido, com significados e profundamente alicerçada nos valores da humanidade. (Thums, 2003, p. 51).

Assim, considerando que a sabedoria da vida não nasce ao acaso, é imprescindível trabalhar os conteúdos relacionados à ética e a filosofia como disciplina no ensino médio, pois conforme já falamos anteriormente, nossos jovens necessitam descobrir a sabedoria da vida, pois esta não carece de prudência e nada como ensinar e aprender a prática da ética para adquirir a tão almejada prudência.

Num contexto de busca incessante à obtenção da prática de valores, virtudes, para se alcançar prudência e justiça social, a quantidade de estudos sobre os sentimentos humanos vem aumentando desde o final do século passado.

Segundo Thums, na verdade, a partir do começo da história filosófica, especialmente com Sócrates (“Conhece-te a ti mesmo”), o homem vem demonstrando e explorando o desejo de conhecer-se mais e melhor. Porém, nestas últimas décadas, os estudos sobre os sentimentos estão obtendo características de cientificidade, embasados em várias ciências, tais como a biologia, a química, a filosofia e, especialmente, a neurofisiologia. (Thums, 2003, p. 363).

Nesta mesma linha de pensamento Damásio nos assegura que:

Os sentimentos, juntamente com as emoções que os originam, não são um luxo. Servem de guias internos e ajudam-nos a comunicar aos outros sinais que também os podem guiar. E os sentimentos não são nem intangíveis nem ilusórios. Ao contrário da opinião científica racional, são precisamente tão cognitivos como qualquer outra percepção. São o resultado de uma curiosa organização fisiológica que transformou o cérebro no público cativo das atividades teatrais do corpo. (Damásio, 1999, p.115).

Ou seja, é através das características tipicamente culturais que os sentimentos humanos entram ou saem de cena. Todavia, na atual condição de avalanche de saberes, à qual os jovens do ensino médio estão submetidos, é de extrema significância conhecer de forma mais adequada como sentimos, agimos, reagimos, pensamos, posicionamo-nos, para poder auxiliar nos múltiplos processos de conhecimento e de cura do indivíduo. Cura esta, emocional, psíquica e afetiva. (Thums, 2003, p. 363).

Nesse contexto, levando-se em consideração que como professores temos como uma de nossas missões – educar para o comportamento ético- o tema da ética vem sendo constantemente apresentado sob óticas diferentes demonstrando a sua importância para o período histórico em que vivemos. A ética na política, a ética nos negócios, a ética na indústria, a ética no poder, enfim, o comportamento ético nas relações humanas tomou dimensões antes nunca observadas ou consideradas. Por que será? O que mudou tanto no ser humano, no comportamento humano que o tema da ética tornou-se uma reclamação constante e imperiosa? (Thums, 2003, p. 337).

O mundo das informações, dos Meios de Comunicação de Massa-MCM derrubou as cortinas de personagens, bem como desmistificou-os, apresentando facetas antes nunca conhecidas, vistas ou observadas. (Thums, 2003, p. 337).

Partindo-se deste ponto, é imperioso assinalar novamente, a importância da ética na disciplina de filosofia no ensino médio, haja vista a necessidade de trabalharmos com os nossos jovens no filtro de todas as informações, as quais os mesmos são submetidos, com o fim de auxiliá-los a discernir quais informações servem-lhes como saber crítico e quais devem ser deletados e conseqüentemente encaminhados para lixeira.

Neste sentido Thums ensina que a vida precisa, sob todos os aspectos e sentidos, ser direcionada e vivida de forma prazerosa. O prazer aumenta nossa condição humana, a bondade, a esperança, a condição espiritual, as formas de ver o mundo, o outro e a nós mesmos. Ou seja, o viver com prazer e com alegria é a maior gratificação da existência. Humaniza-nos enquanto estivermos orientados na busca permanente do bom, do belo e do verdadeiro! (Thums, 2003, p. 345).

Desta forma, considerando que é imprescindível fazer despertar em nossos jovens do ensino médio; um desenvolver o gosto pela vida, pelo viver a vida, pelo desejo de ser melhor, pela busca incessante e constante da alegria e do prazer submetendo tudo à temperança, ou, de outra forma, ser capaz de viver no termo médio, buscando sempre o equilíbrio nas ações da vida em sociedade. Pois essa é a sabedoria do bem-viver; esse é o caminho do comportamento ético.

Por conseguinte, em função do crescente empobrecimento do saber crítico dos nossos jovens, a escola percebeu que muitos comportamentos estavam fora dos contextos aceitáveis de civilidade e de humanidade, e portanto, cresceu a exigência de novos padrões éticos de atuar e de ser. Assim, tendo em vista que a ética tem sua sustentação amparada na emoção da vida das pessoas; a estrutura interna do indivíduo sofreu e sofre muitas agressões que são movimentos

disformes que agridem toda a possibilidade de convivência harmônica. (Thums, 2003, p. 393).

Assim também é o entendimento de Maturana, senão vejamos:

A preocupação ética, como preocupação com as consequências que nossas ações têm sobre o outro, é um fenômeno que tem a ver com a aceitação do outro e pertence ao domínio do amor. Por isso a preocupação ética nunca ultrapassa o domínio social no qual ela surge. (Maturana, 2001, p.72-73).

Portanto para Maturana, recuperar a condição emocional do ser humano, a raiz de toda a convivência harmoniosa e pacífica vai justificar um compromisso ético com o ser do outro, insiste que é imprescindível entender isso:

Porque na medida em que fenômenos do amor esta no fundamento biológico do humano, ela está presente de qualquer maneira. Creio que não haverá um bom entendimento do fenômeno de convivência e da história dos fenômenos políticos se não entendermos a natureza do social e do ético no âmbito de sua fundação emocional. (Maturana, 2001, p.74)

Neste sentido, o emocional é tratado como princípio incondicional da aceitação do outro. Princípio este que por sua vez nos remete à responsabilidade e ao compromisso de uma vida com significados e sentidos. Remetemos para uma sociedade com células sadias e procriadoras de vida, onde a ênfase ao social ultrapasse a condição discursiva e ideológica. É preciso romper com o individualismo extremado de uma sociedade que quer criar e superestimar os valores restritos em detrimento do coletivo. (Thums, 2003, p.393).

Por sua vez, é preciso implantar valores que ampliem a visão da existência. Alguns desses valores estão atrelados à condição espiritual do homem. Aceitar a pessoa de Jesus Cristo como modelo a ser imitado e seguido. Aceitar os aspectos educativos e teológicos da educação cristã como um elo de ligação entre o humano, o sagrado e o divino. É impossível construir um novo mundo exclusivamente material, sem

conexões com o prisma espiritual. (Thums, 2003, p. 393).

O princípio funcional da ética nas escolas reside na formação de um coletivo forte, onde a ênfase deve residir no princípio do amor, dos sentimentos afetivos, das relações de amizade, de respeito mútuo, de entendimento, de sólidos compromissos com o conhecimento, com a verdade e com todos os princípios éticos da vida humana. A escola deve ser um berçário na formação de novos compromissos com a humanidade e com a vida. (Thums, 2003, p. 405).

O espaço do diálogo, das relações abertas, dinâmicas e civilizadas, dentro dos limites da ordem e da lei, deve ser ampliado. As constantes afrontas à ordem legal, aos regimentos, às regulamentações denotam uma civilização que perdeu sua condição do diálogo e tenta impor uma nova ordem à força. Nenhuma sociedade civilizada foi implantada à força. Nenhuma cultura conseguiu avanços significativos através da imposição de novos modelos. (Thums, 2003, p. 404).

Desta forma, Thums em análise ao pensamento de German Gutiérrez, elenca como pontos fundamentais de uma nova ética de acordo com o entendimento de Gutiérrez, pois para ele, saber os caminhos da cultura, conhecer as motivações das pessoas nos respectivos grupos sociais e tentar proporcionar formas de vida possíveis em meio à miséria e à intolerância. O elemento do bem comum é um dos mais significativos no momento atual da sociedade brasileira. É preciso valorizar as ações destinadas à coletividade, de forma justa e equitativa, bem como evitar as condições de miserabilidade das pessoas. Esta é uma forma urgente de salvaguardar a cidadania. (Thums, 2003, p.405).

Pelo exposto e em função de não sermos isolados da condição humana interna e externa, é que nosso comportamento externo expressa toda a condição emocional interna e, portanto, é preciso compreender melhor os motivos que nos impulsionam a agir, seus fundamentos racionais, éticos, políticos, econômicos e culturais. Esses fatores reforçam a forma como a cultura molda em muito nosso agir e nossa condição humana. O que terminantemente é motivo mais que plausível

que justifica a importância da ética na disciplina de filosofia para os educandos do ensino médio, pois o resgate das mentes de nossos jovens para o despertar do saber crítico urge sem demora. A escuridão da ignorância do saber crítico que assola nosso país, tem que encontrar a luz através da ética

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como ponto de partida, o contexto de avalanches de informações, que estão inseridos os nossos alunos do ensino médio desde a infância. Torna-se necessário, trazer para a sala de aula reflexões a respeito da credibilidade de todas essas informações que temos acesso, através do campo filosófico que Thums denomina como o campo da “verdade”.

Diante disso, é de se considerar que nos tempos atuais é cada vez mais indispensável trabalhar os valores de ética – como verdade, justiça, moral, virtudes, etc, dentro da disciplina de filosofia no ensino médio, para que possamos trabalhar com mais afinco as questões da verdade real dos nossos alunos, para reverter esse processo de empobrecimento moral e intelectual que tem assolado o nosso país. Haja vista que efetivamente, queremos contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, que não necessitam fazer uso de meias verdades ou verdades disfarçadas, para terem sucesso na vida em sociedade.

A disciplina de filosofia inserida no ensino médio é fundamental, pois trará uma formação mais crítica e aludida em uma educação com bases sólidas diante das ações reflexivas, construindo uma educação emancipadora e senhora de seu destino, deixando de funcionar ao bel prazer das situações políticas.

Por isso é importante que se perceba que a importância da ética no e para o ensino médio. A disciplina de filosofia não pode ser considerada apenas mais uma disciplina na grade curricular do ensino

médio, mas como uma área que produzirá o desenvolvimento de conhecimentos desde os primórdios até a contemporaneidade.

Conhecimentos estes, que buscam de certa forma concepções éticas que possibilitem a transformação do contexto histórico, de forma que haja uma mudança no cenário de aprendizagens para os jovens do ensino médio, no que concerne aos princípios e valores, os quais o ser humano aprende ao longo de sua vida.

Desta forma, as concepções de ética, obtidas ao longo da história da filosofia desde a ética grega até as concepções modernas, possuem como cerne a busca da verdade e para se alcançar essa purificação é necessário praticar várias virtudes, que segundo Vázquez correspondem a cada uma das partes da alma e consistem no seu funcionamento perfeito: a virtude da razão é a prudência, a da vontade ou ânimo, a fortaleza; e a do apetite, a temperança. Estas virtudes guiam ou refreiam uma parte da alma. A harmonia entre as diversas partes, constitui a quarta virtude, a justiça. (Vázquez, 2005, p.270).

As concepções de ética de Sócrates, Platão e Aristóteles, alicerçadas na valorização da razão e da liberdade, bem como na busca pela prática das virtudes, como meio para se alcançar a purificação da alma e a justiça social; concepções estas retomadas na idade moderna e contemporânea, principalmente nas concepções filosóficas de Kant e Hegel, foram as concepções éticas tratadas nesse trabalho como as mais importantes para a aprendizagem dos jovens na formação do ensino médio, por tratarem-se de concepções de estudo do comportamento humano no contexto social. Tais concepções éticas contribuirão para o resgate do pensamento crítico filosófico indispensável à formação de um indivíduo preocupado não apenas consigo mesmo, mas também com as outras pessoas à sua volta.

Buscou-se abordar nesse trabalho a relação da ética para a disciplina de filosofia no ensino médio, elucidando o quanto se faz importante esta disciplina estar inserida bem delineada nas grades curriculares do ensino médio, contribuindo a mesma para diversas áreas do conhecimento.

Portanto, é evidente que pensar nas aulas ministradas pelos professores do ensino médio, leva a considerar que para ampliação e valorização de toda ação interdisciplinar que busca formar cidadãos aptos a intervenções de conflitos e indagações, por meio de um diálogo com fundamentações sólidas, também parte de um entendimento mais profundo de ensinar e aprender.

Dentro da área de conhecimento da filosofia, a ética nos remete a questionar sobre condutas humanas que a sociedade nos impõe, trazendo a cultura com critérios e princípios, gerando assim discussão sobre regras, condutas e normas que são consideradas boas e as que não devem ser consideradas boas.

Por fim, o presente trabalho procurou demonstrar o quanto é importante que se construa um saber, que crie uma base sólida para compreender a diferença entre conhecimento filosófico e senso comum.

É dentro deste fazer educativo que o ensino de filosofia poderá atuar para desempenhar um papel de suma importância, trazendo concepções plausíveis para aprofundar-se na visão crítica, questionadora e empreendedora de seus conhecimentos, para que realmente se trabalhe a ética na disciplina de filosofia no ensino médio, com o fim de preparar de fato e de direito os jovens para solucionar os problemas da vida, valorando o certo através da temperança, prudência e equilíbrio emocional e por conseguinte prepará-los para viverem de forma harmônica consigo mesmos e com seus semelhantes.

REFERÊNCIAS

- ADAS, Sérgio. **Propostas de trabalho e ensino de filosofia: especificidades das habilidades; eixos temático-históricos e transversalidade.** – São Paulo : Moderna, 2012.
- ALVES, Dalton José. **A filosofia no ensino médio: ambiguidades e contradições na LDB.** Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação.** São Paulo: Moderna, 2002.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana.** São Paulo: Forense Universitária, 1999.
- ARISTÓTELES. **A ética a Nicômaco.** São Paulo: Nova Cultural, 1979. (Col. Os pensadores).
- BARROCO, Maria Lúcia S.. **Ética: fundamentos sócio-históricos.** – 3. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.
- BORGES, Maria de Lourdes (et ali). **Ética: tudo o que você precisa saber sobre.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996, p. 27849.
- _____. **Ministério da Educação e do Desporto.** Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa: revisado conforme a nova ortografia.** FDT. São Paulo: 2007.
- CHALITA, Gabriel. **Vivendo a filosofia.** São Paulo: Atual, 2002.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** 13. Ed. 1ª impressão. São Paulo: Ática. 2003.
- _____. **Convite à Filosofia.** 13. Ed. 3ª impressão. São Paulo: Ática. 2005.
- COTRIM, Gilberto. **Fundamentos de Filosofia.** 15ª Ed. São Paulo: Saraiva 2004.
- DAMÁSIO, António. **O Erro de Descartes:** Companhia das letras. São Paulo, 1999.
- FREIRE, Paulo; **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro:

Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GALLO, S.; KOHAN, W. **Filosofia no ensino médio**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GANIVEZ, P. **Educar o cidadão?**. Papirus, Campinas, SP, 1991.

GARDNER, Howard. **O verdadeiro, o Belo e o Bom**. Objetiva: Rio de Janeiro, 1999.

GRAMISCI, A. **A concepção dialética da história**. 10. ed. Civilização brasileira. Rio de Janeiro, 1995.

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo/Brasília. Martins Fontes/Editora da UNB, 1989.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. Editora: S.A. São Paulo, 1959.

_____. **Crítica da Razão Pura**, 2. Ed., Abril Cultural. São Paulo, 1997. (Col. Os pensadores).

KORTE, Gustavo. **Iniciação a ética**. Editora Juarez de Oliveira, 1999.

LUKÁCS, G. **O momento ideal na economia e sobre a ontologia do momento ideal**, seções 1 e 2 do volume II de *A ontologia do ser social*, 1981. Tradução de Maria Angélica Borges Rodrigues e Sílvia Salvi. In: RODRIGUES, M. A. B. *A determinação do "momento ideal" na ontologia de G. Lukács*. São Paulo, PUC, 1990. Tese de Mestrado.

NOGUEIRA, F.M.G. **A ajuda externa para a educação brasileira na produção do "mito do desenvolvimento": da USID ao BIRD**. Tese (Doutorado em Educação) – FE-USP, São Paulo, 1998.

MARATUANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na educação e na política**. 2. Ed. UFMG. Minas Gerais, 2001.

PRADO, Lourenço de Almeida. **Educação: Ajudar a pensar, sim: Conscientizar, não**. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 12. Ed. ver. Autores Associados, Campina, SP, 1996.

SEVERINO, A.J. **Educação, ideologia e contra-ideologia**. EPU. São Paulo, 1995.

THUMS, Jorge. **Ética na educação: filosofia e valores na escola.** Canoas: ULBRA, 2003.

TRASFERETTI, J. **Ética e responsabilidade social.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

_____ O que é ética. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

VAZ, Henrique de Lima. **Escritos de Filosofia II: Ética e cultura.** São Paulo: Loyola, 1983.

VÁZQUEZ, A.S. **Ética/** Adolfo Sánchez Vázquez; Tradução de João Dill'Anna. 26. Ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2005.

SITES CONSULTADOS

<http://oficinadefilosofia.com/>